

## GEOGRAFIA HUMANA DO ALGARVE

A posição mundial dos Estados Unidos, apoiando economicamente muitos países atrasados, torna útil um profundo conhecimento da diversidade dos modos de vida tradicionais de cada um deles. Por um lado, só assim será possível basear e apreciar algumas ilações tiradas da comparação e análise dos dados estatísticos; por outro, nem sempre a valorização destes países se coaduna com a aplicação dos métodos americanos, por mais aperfeiçoados que sejam; o caminho será, pelo contrário, o da simples modernização das técnicas que localmente se foram adaptando às condições regionais, naturais e humanas.

Foi dentro destas preocupações que um geógrafo norte-americano acrescentou mais um trabalho ao conhecimento do Algarve <sup>(1)</sup>. Movido pelo seu particular interesse na individualidade cultural de certas áreas, descreve os traços geográficos fundamentais de todo o Algarve e de cada uma das suas pequenas subáreas.

No decurso da história muitos povos fizeram sucessivamente sentir aí a sua influência (Fenícios, Gregos, Romanos e Muçulmanos); não obstante estas acções, mais ou menos profundas, a personalidade da paisagem algarvia mantém-se vigorosa e a região individualiza-se perfeitamente em relação às que a limitam a Norte ou a Leste — Alentejo e Huelva — : «A vital e brilhante provincia, primeiramente chamada Reino do Algarve, tinha implícito na designação o reconhecimento de que não era semelhante a outra parte de Portugal» (p. 14).

Partindo desta atitude de compreensão e simpatia, foram descritos com vivacidade, no 1.º capítulo, «A associação do homem e da terra», todos os aspectos das paisagens mais meridionais de Portugal, que por várias vezes têm atraído o visitante estudioso: a diversidade geológica (xistos, arenitos, calcários, sedimentos litorais modernos) dando cores diferentes aos montes e aos solos, as formações vegetais com ela relacionadas, os traços gerais do clima, a variação regional dos seus principais elementos, do litoral para o interior e de Barlavento para Sotavento, e a posição dessa variação dentro da classificação de Köppen; descrevem-se seguidamente os modos de vida da população, essencialmente agrícola, as dimensões mais frequentes das propriedades no sequeiro e no regadio, os sistemas de exploração da terra — por *conta-própria*, familiar ou com assalariados, *parceria* (com repartição variável segundo os diversos produtos da terra: culturas arvenses ou arvoredos) e alguns *arrendamentos* nas terras regadas e portanto de rendimentos menos incertos; as várias culturas e as suas técnicas mais características.

No sequeiro, o pomar, quase sempre heterogénico (figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras e oliveiras), associa-se a leguminosas (favas, ervilhas, grão-de-bico) e a cereais, particularmente trigo e cevada. No

(<sup>1</sup>) DAN STANISLAWSKI, *Portugal's Other Kingdom. The Algarve*. University of Texas Press Austin, 1963. XIV + 273 pp., numerosos mapas, gráficos e gravuras; bibliografia e índice analítico.

regadio, legumes, hortaliças e milho crescem muitas vezes por entre os citrinos. O milho tem pois papel dominante apenas no regadio; por isso não concordamos com a afirmação do autor: «Entre os vários produtos que o Algarvio pode semear, o milho tem importância fundamental para ele...» (p. 22). A ceifa com foices, a debulha tradicional nas eiras com animais e às vezes também com trilho, os moinhos de vento de forma circular, telhado cónico e quatro velas triangulares, as azenhas, os moinhos de água e os moinhos de maré muito menos comuns, foram descritos com a minúcia com que um etnógrafo o faria.

Pode fazer compreender o relativo desafogo económico destas populações, o autor descreveu todos os outros possíveis rendimentos, tirados da criação de gado, do fabrico do carvão e da venda de lenhas e madeiras, do artesanato doméstico (fabrico de aguardente de medronho, trabalhos de palma e esparto, cestos e esteiras, e ainda objectos de calcário como pias para porcos e galinhas, mós de moinhos...) e de indústrias mais importantes pelo rendimento global e pelos efectivos que absorvem: extracção do sal, conservas de peixe e suas subordinadas, estaleiros e cortumes (albardas e arreios diversos em Portimão e Loulé).

As casas algarvias, de aspecto variável de acordo com a posição social dos moradores, são também cuidadosamente consideradas. As casas rurais, os materiais de construção, a planta, as chaminés mais ou menos caprichosamente rendilhadas — «Quantas horas de trabalho quer para a sua chaminé?», perguntam os artistas a quem as encomenda — são descritas com minúcia semelhante à das modestas palhotas de pescadores do litoral arenoso, tão comuns na ilha da Culatra.

Por fim os veículos, porque são tipicamente algarvios — a carrinha e o carro da água — e impressionam a cada passo o viajante que com eles se cruza nas estradas e caminhos, completam este capítulo geral onde foi evidenciada, duma forma elegante e objectiva, toda a individualidade da região. Através dele, o leitor desprevenido poderá ter uma representação das imagens algarvias mais comuns e compreender alguns dos principais problemas do desenvolvimento económico do Algarve.

A despeito de certas inexactidões de pormenor (em que talvez apenas o leitor algarvio repare), este capítulo lê-se com agrado e proveito e é vantajosamente completado com alguns mapas e magníficas fotografias do autor.

De modo nenhum esta personalidade da paisagem algarvia assenta numa homogeneidade de aspectos. Seguem-se portanto outros capítulos, verdadeiras monografias minuciosas das sub-regiões. Uma observação exaustiva permitiu ao autor separar, por exemplo, no Algarve litoral, Sotavento, Hortas de Vila Real, Barlavento e região do Cabo, todas elas bem individualizadas agricolamente. É de salientar também o estudo das técnicas de pesca, desde as tradicionais às mais progressivas, e a evolução histórica e actividades fundamentais de todos os centros de população, tanto das importantes cidades do litoral — Faro e Portimão — como doutras meio decadentes e, ainda, das vilas e aldeias, mesmo do interior. Como grande parte do 1.º capítulo fora publicado

separadamente <sup>(2)</sup>, são frequentes as repetições nos capítulos regionais. Outras repetições resultam da identidade da agricultura do Algarve litoral e do Barrocal: a separação, quanto a nós, estará antes no regadio, mais comum na primeira, e no sequeiro, que domina na segunda, excepto nos vales largos também regados. Na descrição das rotações de culturas mais frequentes e no calendário dos trabalhos agrícolas, diz o autor, referindo-se ao mês de Dezembro: «continua o trabalho nos lagares de vinho e de azeite» (p. 70); fazendo-se a vindima em Agosto, aquele há meses que terminou.

Para a elaboração deste atraente estudo, DAN STANISLAWSKI dispunha duma minuciosa descrição corográfica dos meados do século passado <sup>(3)</sup>, e dos trabalhos recentes de MARIANO FEIO, entre os quais sobressai o livro-guia de excursão do Congresso Internacional de Geografia de Lisboa <sup>(4)</sup>, duma excelente e minuciosa monografia de GAETANO FERRO e doutros estudos que este mesmo autor dedicou aos centros urbanos algarvios e à pesca <sup>(5)</sup>. O livro é assim, ao mesmo tempo, o resultado de observações pessoais dentro dum esforço de simpatia e compreensão da paisagem e da gente do Algarve, e da cuidada compilação dos que, com segura orientação geográfica, já haviam sido publicados sobre esta província.

CARMINDA CAVACO